

A EDUCAÇÃO CONTINUADA DO CATALOGADOR: O CASO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Ana Maria Pereira
Renata Rodrigues

Resumo

Apresenta os resultados da pesquisa feita para verificar as formas usadas pelos catalogadores das bibliotecas universitárias da Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil, para continuar sua educação profissional, comparando sua práticas com aquelas relatadas na literatura da área.

Palavras-chave: Catalogação; Educação Continuada; Catalogação – Rede UDESC; Catalogação automatizada – UDESC

1 INTRODUÇÃO

Os cursos de Biblioteconomia voltam suas atenções à formação do profissional de maneira abrangente, tendo como objetivo a ação política, social, econômica e cultural do mesmo, possibilitando sua integração com a sociedade tecnológica transformando-o assim, de sujeito passivo a agente de mudanças, aberto à integração e ao trabalho interdisciplinar.

Desde a antiguidade, a catalogação utiliza-se das tecnologias dos suportes de informação disponíveis – dos tabletes de argila ao CD-ROM - no desenvolvimento dos processos de representação documentária como instrumento para a recuperação e disseminação com rapidez e eficácia das informações. Os catalogadores sempre tiveram, como preocupação, a viabilização de um processo de catalogação que permitisse o compartilhamento de recursos e a possibilidade de uma catalogação única como forma de agilizar o trabalho de armazenamento, disseminação, recuperação e atendimento ao usuário.

Segundo Mey (1987, p. 3), a catalogação de um modo geral tem sido definida como:

Um processo de decisão multidimensional que através de uma estrutura sucinta e padronizada

de Dados e Informação sobre um item informacional ou documentário, tem como objetivo tornar o documento único e ao mesmo tempo multidimensionalizar suas possibilidades de recuperação e uso.

Para a Autora, a catalogação tem como objetivo,

Vincular mensagens contidas nos itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários.

A catalogação deve, ainda, permitir que feita a escolha do item, o usuário seja capaz de localizá-lo no acervo. Por fim o catalogador tem a função de possibilitar ao usuário expressar sua mensagem interna.

Para o cumprimento de suas funções, a catalogação deve possuir as seguintes características: integridade (fidelidade, honestidade na representação), clareza (compreensível aos usuários), precisão (cada informação só pode representar um único dado ou conceito, sem dar margem a confusão entre informações), lógica, consistência (a mesma solução deve ser sempre usada para informações semelhantes).

Quinze anos após essas afirmações, verifica-se ainda sua atualidade e importância no mundo globalizado, tecnológico e informacional. A catalogação é percebida como área da Biblioteconomia que trabalha com o intercâmbio de informações unindo os processos de saber e fazer, inovando, produzindo e adequando-se às formas de representação documentária e às novas necessidades de nossa sociedade.

Esta pesquisa, ao abordar a educação continuada do catalogador, volta sua atenção para os catalogadores da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, com o objetivo principal de delinear o perfil do catalogador como o profissional que tem a tarefa de transmitir e mediar o processo contínuo da catalogação, e que este seja um profissional competente tanto em conhecimentos, como em técnicas, sempre se atualizando através de atividades na sua área.

Como metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa, elaborou-se uma revisão de literatura sobre a Educação continuada e sua importância para o profissional catalogador. Por meio de questionários, foi possível delinear o perfil do catalogador da UDESC, verificando seu nível de atualização e sua atuação profissional, abrangendo suas necessidades e qualificação.

2 EDUCAÇÃO CONTINUADA E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: UMA REALIDADE

A educação é um componente fundamental na vida social moderna, servindo como peça essencial de socialização. A organização desse processo de socialização foi construída ao longo de milênios, mas foi nos últimos três mil anos que ela foi tomando forma de um processo educativo.

Segundo Garcia (apud NISKIER, 1999), a palavra educação “tem sua origem nos verbos latinos *educare* (alimentar, amamentar, criar), como significado de algo que se dá a alguém, e *educere*, que expressa a idéia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de”, o que mostra o seu caráter polissêmico.

Desde a década de 50, a educação continuada vem adquirindo conotações diferentes. Nessa época o seu objetivo era “ajustar-se a um mundo novo em mutação”.

Na década de 60 a educação continuada transfere-se para dentro das empresas, com o objetivo de possibilitar a contínua atualização dos funcionários das mesmas.

A década de 70 caracteriza-se pela tomada de consciência de que o homem educa-se a partir da realidade que o cerca e em interação com os outros. Esse pensamento torna-se fundamental e a partir da década de 80 a sociedade incorpora esta nova consciência.

Na sociedade contemporânea, encontra-se diferentes exemplos de educação continuada, ou como uma forma de preencher as lacunas deixadas pelo sistema escolar, ou como atividade fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Na conferência de Elsinor, realizada sob os auspícios da UNESCO, (1929 apud NISKIER, 1999) e considerada a primeira reunião mundial, a educação continuada foi enfocada como educação de adultos, isto é, “um tipo de educação cursado voluntariamente pelos adultos, com o objetivo de alcançar um desenvolvimento pessoal e profissional”.

A educação em um contexto de formação, deve ser vista como uma organização de valores, ou também como um processo de construção de conhecimentos, formação de habilidades técnicas e cognitivas. Assim, não deve ser tratada como um adestramento ou o instrumento de capacitação do indivíduo para a realização de determinada tarefa, mas sim como parte essencial do processo de construção social em cada indivíduo.

A educação continuada pode ser definida como: educação permanente, educação recorrente, educação contínua, educação continuada, formação continuada. Promover esse crescimento profissional é tarefa da instituição em que o indivíduo está ligado, mas é também tarefa individual. Esse crescimento pode ser promovido pela educação continuada que deve não somente ensinar o uso de novas tecnologias, mas num contexto mais abrangente deve levar em conta as potencialidades de cada indivíduo.

Para que a educação continuada tenha efeitos benéficos, deve-se levar em conta a motivação, ou seja, deve haver uma necessidade presente. As necessidades são geradas pela velocidade das mudanças tecnológicas, pelas situações que emergem das funções assumidas e a partir de questionamentos. Já a motivação tem mais a ver com a filosofia que norteia as decisões pessoais.

Não há dúvida que o ser humano precisa de contato, comunicação, troca de idéias para o seu desenvolvimento individual e profissional, fatores responsáveis pelas mudanças em sua vida. A educação continuada desenvolve o indivíduo para fazer melhor aquilo que faz, enfocando o “*como fazer*”, preparando-o para atuar na realidade no momento e para o

futuro. Com certeza, capacitar o pessoal da instituição é melhorar a qualidade dos serviços prestados à comunidade.

Assim, a educação continuada como geradora de mudanças, insere-se num quadro político prospectivo em que formação, segundo Goguelin (1970), “é idealmente participar do futuro” a partir do presente, e assumir o risco, porque educar é mudar de forma que pode implicar um deformar! Mas, o que se deve considerar de vital importância é ter sempre presente que a educação continuada não é apenas transmissão de conhecimentos científicos, mas, também, de atitudes em relação à utilização desses conhecimentos.

Não se pode ignorar, entretanto, que essa visão, não marca apenas a educação continuada, mas todo o processo pedagógico que deve deixar de ser livresco para se inserir na vivência de crianças, adolescentes ou adultos.

Em centros de informação, como em diferentes organizações, a questão do aprendizado contínuo, individual e coletivo, apresenta-se ainda de forma incipiente, o que se deve em parte à visão limitada sobre a necessidade de pensar a instituição como um todo sistêmico e produtivo, independente do lugar que cada indivíduo ocupe.

Para uma organização tornar-se competitiva e de qualidade, não basta investir em tecnologia e em equipamentos de última geração. O processo de definição de estratégias de mudanças passa, necessariamente, pelo fator informação e investimentos na qualificação de recursos humanos como elementos essenciais ao desenvolvimento e crescimento organizacional.

No Brasil, a educação continuada, além dos fatores especificamente educativos, muito tem contribuído para o incremento de uma política de extensão do ensino e campanhas em favor da educação contínua de adultos, tendo em vista a posição e o prestígio do país no plano internacional.

A educação continuada, inicialmente, partia da educação popular, pois a educação elementar estabelecida nas escolas

noturnas durante muito tempo, foi a única forma de educação de adultos exercida no país.

No binômio “desenvolvimento e educação”, vale considerar sumariamente o significado de cada um, sem contudo ter-se a pretensão de defini-los ou conceituá-los.

O desenvolvimento implica em um conjunto de mudanças, que representam as transformações sofridas num determinado momento dentro de um contexto específico. O que provoca um processo de mudança social, cumulativo, diferenciado e integrado, fruto de uma educação contínua do indivíduo.

A autodeterminação educativa ou autodidaxia, tem por finalidade permitir ao homem o “fazer-se” de acordo com a realidade concreta, levando em consideração os fatores intervenientes do processo de desenvolvimento individual e social.

Segundo Furter (apud NISKIER, 1999), “oferecer ao homem as possibilidades e os instrumentos que lhe permitem ser culto, se quiser. A educação pode ser, pois, definida como uma metodologia: a aprendizagem de aprender”.

Em suma, compreende-se que a educação continuada não pode ser reduzida a uma simples educação “extra-escolar”, nem “complementar”, nem “de adultos”, nem “prolongada”, nem tampouco “elitista”, porque, de acordo com o autor, todas estas interpretações só privilegiam uma parte do problema.

Lowe (1977 apud DESTRO 1995, p. 25), apresenta uma definição mais ampla “[...] educação continuada é toda e qualquer atividade que tem por objetivo provocar uma mudança de atitudes e/ou comportamentos a partir da aquisição de novos conhecimentos, conceitos e atitudes”.

A educação continuada possibilita ao ser humano ser agente contínuo de desenvolvimento, como produtor, consumidor/utilizador e criador/inovador, fazendo uso de seus conhecimentos e criatividade que o processo de ensino/aprendizagem lhe permite participar, de maneira crítica, do contexto sócio-econômico-cultural que transforma o meio em que está inserido.

Ampliou-se a noção de ensino, antes centrada somente na precária sala de aula, para alternativas audaciosas, representadas pela entrada em cena, a partir de 80, de satélites, vídeos, microcomputadores e correio eletrônico, possibilitando, a partir daí, a interação entre o real e o virtual.

As grandes transformações econômicas e políticas, que ocorreram no final do século passado, como a industrialização e o capitalismo, trouxeram modificações sócio-culturais abrangentes e profundas, responsáveis pelas mudanças em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, o investimento em formação humana e profissional torna-se necessário e vai muito além do ensino formal e das universidades. As empresas estão tornando-se cada vez mais exigentes fazendo com que a qualificação constitua-se importante referencial à contratação. Essa preocupação vai aumentando na medida em que as sociedades vão se modernizando. Tais questões possibilitam diferentes estudos e pesquisas na área de administração e de recursos humanos, para um trabalho e aprendizado contínuo que atendam as necessidades das organizações e pessoais, nos setores industriais, de serviços, comercial, cultural, público, privado ou de informação.

É nesse contexto que o fenômeno da *educação continuada e a educação a distância* estão cada vez mais possibilitando uma educação sem fronteiras, abrangendo, um número maior de pessoas que anseiam em *aprender a aprender*.

Como já previa William Harper, (1886 apud LOBO NETO, 1998).

Chegará o dia em que o volume da instrução recebida por correspondência será maior do que o transmitido nas aulas de nossas escolas e academias; em que o número de estudantes por correspondência ultrapassará o dos presencias.

A educação continuada à distância, possibilita uma aprendizagem interativa e até mesmo confortável, devido ao uso das tecnologias de informação e comunicação.

Dentre as características fundamentais do mundo contemporâneo, destacam-se o volume de informações e a hiper-velocidade com que são veiculadas, acarretando transformações profundas em todos os níveis do conhecimento humano.

Todos os profissionais precisam de atualização para estar preparados às mudanças de cenários, mas segundo Cavalcante (1998, p. 5),

[..]. nem todos precisam do mesmo treinamento, nem demonstram níveis iguais de aproveitamento. Cada um chega a uma sessão de treinamento com diferentes capacidades cognitivas, níveis de intelecto, etc. Os programas de treinamento padronizados e inflexíveis não surtem efeito quando impostos a esse contingente de seres humanos diversos.

3 EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: OUTRA REALIDADE

Historicamente a educação à distância surgiu com a intenção de oportunizar um ensino superior para aqueles que não tivessem condições econômicas e/ou sociais de frequentar cursos regulares nas universidades.

E de acordo com Barroso (apud PAVÃO, 1998, P.2), “pode ser citada como *fator de crescimento para o país, fator de sobrevivência social, elemento de política social para a transformação da sociedade*”, tornando-se um requisito básico para o crescimento profissional e contínuo.

Segundo Guarany e Castro (1979, p.18 apud NUNES, 1994) no Brasil, desde a fundação do Instituto Rádio Monitor, em 1939, e depois do Instituto Universal Brasileiro, em 1941, várias experiências foram iniciadas e levadas a termo com relativo sucesso. Entretanto, em nossa cultura observa-se um traço constante, a descontinuidade dos projetos, principalmente os governamentais. Já se dispõe de satélites, computadores, Internet e muitos outros recursos nas áreas das telecomunicações

e da eletrônica, o que está faltando é decisão política, o que parece ser uma dificuldade aparentemente intransponível.

A lei n. 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, segundo Niskier (1999), foi coerente ao estimar que, em situações de emergência, a educação à distância poderia ser utilizada como recurso para ampliar oportunidades de acesso à escola básica, sendo de fundamental importância e uma grande facilitadora do processo de educação continuada para o Brasil, um país de dimensões continentais.

Objetivamente, o **Artigo 32 & 4º (LDB, 1996)** (apud NISKIER, 1999) determina, segundo o Autor, que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino à distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”.

De acordo com Niskier (1999, p. 23), o decreto n. 2494, de 10 de fevereiro de 1998, conceituou o que se entende por educação à distância:

é uma forma de ensino que possibilita a auto aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

O principal e de grande importância, é observar que a educação à distância não pode ser vista como substituta da educação convencional, presencial. Elas não concorrem entre si, tendo em vista que não é esse o objetivo, nem poderá ser.

Se a característica principal da educação à distância é a separação física, o grande desafio dessa modalidade é o avanço na utilização de processos industrializados e cooperativos na produção de materiais com a conquista de novos espaços de socialização do processo.

Tal modalidade veio para suprir a grande demanda do ensino, sendo uma modalidade não convencional, capaz de atender com grande expectativa de eficiência, eficácia e qualidade e como um meio próprio de uma educação contínua.

Sendo assim, a educação continuada à distância tornou-se possível graças à associação entre o computador, o modem e a vontade pessoal de melhorar.

Pierre Furter (apud NISKIER, 1999, p. 303), defende a seguinte tese:

É necessário que a educação seja permanente para que o homem possa acompanhar a evolução social. A necessidade constante de seguir as mudanças e estar em dia com seu contexto cultural é um ponto de partida para uma educação permanente do homem.

Vigieron cita Poisson (1998 apud NISKIER, 1999), na Carta de Informação do Instituto Internacional de Planejamento e Educação da UNESCO, quando conceitua o perfil do profissional dos próximos anos e estabelece a forma de prepará-lo para esses tempos:

Para responder os desafios da globalização, é necessário preparar os indivíduos para um mundo do trabalho na qual as tarefas estão em constante evolução; a hierarquia será substituída por uma organização em forma de redes, em que a informação transitará através de uma multidão de canais e de maneira informal; o espírito de iniciativa substituirá o de obediência. A educação deve preparar para desenvolver tarefas para as quais os indivíduos não foram treinados, preparando-se para uma vida profissional que não será mais linear, melhorar suas atitudes para trabalhar em equipe, usar a informação de maneira autônoma, desenvolver sua capacidade de improvisação, assim com sua criatividade e forjar um pensamento complexo em relação ao funcionamento do mundo real.

Com o avanço tecnológico deve ser essencial um renovar constante da formação profissional, humana e social, como fator de expressão de uma geração de profissionais conscientes de seu papel transformador, como sujeitos ativos no processo de tratamento e disseminação da informação.

A aprendizagem contínua também deve ser uma constante na vida do profissional catalogador, como qualquer outro profissional, atual e inserido num mundo de constantes mudanças tecnológicas. A Educação à Distância só vem a acrescentar neste aspecto.

Vive-se um momento privilegiado para a educação brasileira. A sociedade, em seus diversos segmentos, já evidencia sua disposição de lutar por um projeto educacional consistente e assumi-lo como seu. Apesar de se constatar ainda bolsões de insensibilidade, em alguns segmentos do governo e da sociedade, torna-se inadiável a adoção de políticas mais nítidas de atendimento educacional.

A educação à distância só tem sentido quando se apresenta como a realização concreta de sua sempre anunciada potencialidade de ampliar o acesso à educação, colocando-se como uma alternativa séria de democratização da educação e do saber. Uma característica, portanto, desafiadora de quaisquer limitações à sua utilização. Talvez por isso, além de reforçar as relações da educação à distância com a educação continuada, estabeleça-se cada vez mais as relações da mesma com o surgimento de sistemas educacionais mais abertos, flexíveis e ágeis, mas absoluta e intransigentemente comprometidos com a qualidade do serviço educacional, cuja avaliação é presidida necessariamente pelos critérios do compromisso político e da competência técnica.

4 EDUCAÇÃO CONTINUADA E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA DO CATALOGADOR

O profissional da informação competente deverá estar apto para identificar e selecionar suportes adequados para a transferência da informação de sua fonte para o usuário. Isso requer conhecimento de tecnologia apropriada para as várias necessidades de informação e habilidade para compilar informação e reformatá-la para distribuição através de mecanismos adequados.

Segundo Giannasi (1999, p.3)

A preocupação com a formação do profissional da informação, especificamente do bibliotecário, tem sido uma constante nas últimas décadas, tanto no Brasil como no exterior, em função dos desafios apresentados pela sociedade, com vistas ao terceiro milênio e tem solicitado uma atuação mais ampla e responsável deste profissional.

A qualidade de informação disponível, a abundância das formas de acesso a necessidade constante de profissionais para facilitar o seu uso e transformá-la em conhecimento e o aparecimento das tecnologias de informação e telecomunicações, passam a exigir do profissional uma atitude proativa e não serão os conteúdos dos currículos, tão somente, que lhe irão proporcionar essa atitude.

Com isso Weingand (apud GIANNASI, 1994, p.174) comenta que:

a educação continuada, como extensão dos conhecimentos de cada profissional ou como exigência da sociedade atual, pode apresentar-se de duas maneiras distintas: a) geralmente por iniciativa pessoal, onde o foco está na necessidade do indivíduo; b) por iniciativa do empregador – entendida como treinamento de pessoal onde o foco está na necessidade da organização.

Portanto, a educação continuada não deve ser vista apenas como um treinamento ou uma atualização, mas como um acompanhamento das mudanças em nossa sociedade e dos avanços tecnológicos, como também para proporcionar um desenvolvimento profissional contínuo. Portanto, pode ser vista como a solução para atualização e qualificação do profissional da informação.

Podemos definir o profissional da informação, segundo Marquez e Mendragón (1995 apud SANTOS, 1996), como:

Categoria de pessoas que se formam tendo como núcleo integrador seus conhecimentos no âmbito científico da informação e, por conseguinte, realizam atividades próprias de sua especialização, orientadas para a pesquisa,

docência ou a satisfação de necessidade dos usuários da informação.

Dentro da dinâmica mutante da sociedade, o profissional catalogador, que está inserido nessa categoria de mediador da informação, não pode ficar à margem desses acontecimentos tecnológicos e dessa evolução constante de processos educativos. Assim, a educação continuada e à distância possibilita ao catalogador mais tempo para se atualizar, conciliando o seu dia-a-dia com uma constante aprendizagem.

Ao identificar a catalogação como sendo um dos transmissores utilizados pelos centros de informação que codifica as mensagens contidas nos documentos, possibilitando a multidimensão do item informacional, de forma a tornar tais mensagens acessíveis ao universo do usuário, pode-se pensar na junção das áreas de Educação e Catalogação com o propósito de agilizar os níveis de qualidade e dinâmica do processo de descrição e busca documentária por meio da educação contínua do catalogador.

O ensino de Biblioteconomia passa por um processo de reestruturação, como todas as áreas do conhecimento e estudo. Na catalogação, as antigas e conhecidas fichas para a descrição bibliográfica passam a ser confeccionadas por modernos computadores. Permeiam os pensamentos dos catalogadores, questões do tipo: qual o papel do catalogador, visto que a máquina realiza com mais eficiência aquilo que sempre foi de domínio desse profissional?

Essas e outras preocupações conduzem à reflexão sobre o papel do catalogador em um momento de grandes transformações nas suas práticas de trabalho, e a pensar sobre a importância da educação continuada na vida deste profissional.

A evolução da catalogação e os desenvolvimentos tecnológicos possibilitam ao catalogador a efetivação de programas de catalogação em redes ou sistemas (network) que ocupam por meio da catalogação automatizada, com base de dados mecanicamente legíveis e permitem acesso aos bancos de dados on/off-line, concretizando a idealização de um intercâmbio mútuo de informações.

A catalogação, via de regra, em seu processo de ensino/aprendizagem, trabalha com todos os meios e recursos audiovisuais e tecnológicos. Portanto, surge agora a necessidade de o catalogador conhecer e dominar os meios e recursos audiovisuais e tecnológicos, como ferramentas de trabalho.

A educação continuada, nesse sentido, oferece a oportunidade de discussão e reflexão sobre diversas teorias e práticas biblioteconômicas e ao catalogador, deve ser essencial um renovar constante de sua formação profissional, humana e social, como fator de expressão de uma geração de profissionais conscientes de seu papel transformador como sujeitos ativos nesse processo de tratamento e disseminação da informação.

Segundo Gadotti (1981, p.67),

A importância da educação implica a necessidade de repensá-la no seu todo. Para a formação do 'homem completo cujo advento torna-se mais necessário à medida que as pressões mais duras separam e atomizam cada ser', a educação 'deve ser global e permanente'-continuada. Não se trata mais de adquirir, de maneira pontual, conhecimentos definitivos e sim de preparar-se para elaborar, ao longo de toda a vida, um saber em constante evolução e de 'aprender a ser'.

Pode-se afirmar que somente um processo contínuo de aprendizagem poderá dar condições para o catalogador atualizar-se continuamente e estar apto a desenvolver e discutir tais procedimentos, visto que a ele cabe a função de trabalhar com recursos tecnológicos e oferecer facilidades no processo de intercâmbio da grande massa informacional que dispõe-se.

Em uma pesquisa realizada por Prosdócimo e Ohira (2000), sobre a necessidade de educação continuada dos profissionais bibliotecários no Estado de Santa Catarina, destacou-se a preocupação com a Catalogação. Foi solicitado aos bibliotecários para citar dez assuntos de interesse, com terminologia livre, a critério do bibliotecário, para a realização

de cursos, resultando assim, numa grande quantidade de assuntos, que foram agrupados de acordo com as áreas temáticas resultantes dos estudos de harmonização curricular do MERCOSUL. Essa pesquisa demonstra as necessidades dos nossos profissionais com o tratamento da informação e em especial destaca-se aqui a catalogação, objeto deste estudo, e a educação contínua dos catalogadores, uma vez que, entre as áreas afins, obteve destaque em segundo lugar a área de Processamento da Informação, assim classificadas:

- Classificação;
- **Catalogação;**
- Indexação Jurídica;
- Referência Bibliográfica;
- Recuperação da Informação;
- Tratamento de Materiais Especiais.

Os resultados poderão subsidiar o desenvolvimento de práticas profissionais para catalogadores, que serão repassadas através dos recursos da educação à distância.

6 EDUCAÇÃO CONTINUADA E A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA DO CATALOGADOR: O CASO DA UDESC

A Universidade do Estado de Santa Catarina está localizada em seis centros, sendo que quatro deles, Centro de Ciências e Administração (ESAG), Centro de Ciências da Educação (FAED), Centro de Artes (CEART) e o Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos (CEFID) estão localizados em Florianópolis; o Centro de Ciências Tecnológicas (FEJ) está localizado na cidade de Joinville e o Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV) está localizado em Lages.

As bibliotecas da UDESC estão divididas em um Núcleo Central, localizado no prédio da reitoria e em seis bibliotecas setoriais, localizadas nos centros da universidade, descritos acima.

A Biblioteca Universitária – BU é considerada um órgão suplementar vinculada à Pró-reitoria de Ensino. Foi implementada em 20 de julho de 1984, pela resolução no 001/84 do CONSEPE, com o objetivo de fornecer suporte informacional aos programas de ensino, pesquisa e extensão para a UDESC.

A Biblioteca Universitária – BU tem como objetivo oferecer serviços e produtos de informação com qualidade e confiabilidade. Sua estrutura é descentralizada e em conjunto com as bibliotecas setoriais têm como usuários toda a comunidade universitária: alunos, professores e servidores, e a comunidade em geral.

Os produtos e serviços que são desenvolvidos de forma conjunta entre a Direção Administrativa e a Coordenação Técnica, oferecidos nas bibliotecas setoriais são: empréstimo/consulta, levantamento bibliográfico, orientação bibliográfica, comutação bibliográfica, processamento técnico, aquisição, controle de periódicos, recuperação da informação, orientação ao usuário, sumários correntes, representação em atividades setoriais, manutenção do ambiente, divulgação e marketing, alimentação da base de dados, intercâmbio bibliotecário e pesquisa em base de dados.

Com uma análise mais detalhada sobre os questionários recebidos, pode-se afirmar que: 100% dos catalogadores da UDESC são do sexo feminino, com idades de 38 a 56 anos. A graduação foi concluída para 2 (dois) deles na Universidade Federal de Santa Catarina, 1 (um) concluiu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e outro na Universidade do Estado de Santa Catarina. Foram distribuídos questionários para os 6 (seis) bibliotecários/catalogadores que trabalham nas setoriais da UDESC e desses, 80% foram respondidos, perfazendo um universo de 100%.

Tendo como metodologia a análise qualitativa dos dados, verificou-se que 80% dos entrevistados participam dos treinamentos em catalogação oferecidos pela própria UDESC, mas somente 40% participam de eventos na área fora da

universidade. Desses questionários respondidos, 80% nunca participaram de um projeto de pesquisa. Foi observado também que entre as dificuldades enfrentadas na área, as principais se referem à catalogação automatizada.

Os entrevistados não consideram a catalogação como uma atividade desafiadora/estimulante e sim meramente técnica e com isso 80% não adotam ou procuram métodos inovadores, como por exemplo o formato metadados. Dos questionários recebidos, todos ressaltam a importância da educação continuada e esclarecem que participariam de um curso de educação continuada à distância para a catalogação.

As atividades de catalogação são realizadas com a utilização do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2), e a UDESC investe nesse momento no processo de automação dos sistemas de gerenciamento de suas bibliotecas. A Instituição pertence à Rede Bibliodata (catalogação cooperativa), desde 1989. Implementou o sistema VTLS em 1997 e atualmente o mesmo foi substituído pelo sistema Pergamum.

Com o objetivo de identificar a educação contínua desses profissionais, verificou-se que a atualização não é uma rotina no seu dia-a-dia. Entre os entrevistados, todos participam de cursos de reciclagem oferecidos pela própria UDESC, mas não com uma consciência crítica de que é preciso atualizar-se sempre. Ficou evidente que, entre os catalogadores, alguns participam de congressos (voltados para as diversas áreas da Biblioteconomia) mas poucos atualizam-se em sua área de atuação – a catalogação.

Também foram citados, palestras em eventos, curso de utilização do MARC21 – Machine Readable Cataloging, treinamento do Bibliodata e atualização individual com livros na área, oferecidos pela própria UDESC.

Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, verificou-se que poucos dos catalogadores questionados buscam atualização freqüente e a participação em congressos e cursos de aperfeiçoamento é uma atividade pouco adotada, talvez, por ser

considerada uma atividade meramente técnica e que utiliza métodos tradicionais e pouco inovadores. Ao encontrar dificuldades, os catalogadores normalmente procuram colegas que também trabalham na área de catalogação. Ao serem questionados se fariam um curso à distância, todos os entrevistados afirmaram positivamente, e sugeriram temas que gostariam que fossem trabalhados. Foram sugeridos alguns tópicos, entre eles: *sistemas automatizados, catalogação de materiais impressos não convencionais, catalogação de materiais especiais, entradas de entidades coletivas e títulos uniformes*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância histórica do desenvolvimento da catalogação, ao traçar seus objetivos, seguiu a trajetória das formas de mecanização até o advento dos computadores e da Internet. A catalogação é percebida como uma das únicas áreas da biblioteconomia que trabalha com o intercâmbio de informações, unindo os processos de saber e fazer, inovando, produzindo e adequando as formas de representação documentária às novas necessidades de nossa sociedade.

Assim sendo, o profissional catalogador vê-se obrigado a encontrar novas orientações para desenvolver seus conhecimentos práticos e técnicos, numa busca constante pelo aprimoramento de sua atuação e manuseio das tecnologias.

Como resultado da pesquisa realizada e com base nos questionários recebidos, traçou-se o perfil dos catalogadores da UDESC e sugere-se um curso de educação continuada à distância para o profissional catalogador da Universidade do Estado de Santa Catarina, com o objetivo de sanar as dificuldades apresentadas e possibilitar sua educação contínua.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, L. E. Educação e aprendizagem contínua em unidades de informação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS

- UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. *Anais eletrônicos...* Fortaleza, 1998.
- CHANTRAINE-DEMAILLY, L. Modelos de formação contínua e estratégias de mudança. In: Nóvoa, A. (coord.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa:Publicações Dom Quixote, 1992, p. 139-158.
- CUNHA, M. B. da. O desenvolvimento profissional e a educação continuada. *Revistas Bibliotecon. Brasília*, v.12, n.2, p. 149-156, jul./dez. 1984.
- DESTRO, M. R. T. Educação continuada: visão histórica e tentativa de conceitualização. *Cadernos CEDES*, Campinas, n. 36, 1995.
- FIGUEIREDO, N. M. de Reflexões em torno da formação e da educação continuada do profissional bibliotecário. *Revista Escola Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v.20, n.2, p. 161-175. jul./dez. 1991.
- _____. Metodologia inovadoras para educação continuada de bibliotecários. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília. v. 18, n. 1, p. 97-128, jan./jun. 1990.
- FURTER, P. *Educação permanente e desenvolvimento cultural*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- GADOTTI, M. *A educação contra a educação: o esquecimento da educação e a educação permanente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Educação e Comunicação, 7).
- GIANNASI, M. J. *O profissional da informação diante dos desafios da sociedade atual: desenvolvimento de pensamento crítico em cursos de educação continuada e a distância via Internet, através da metodologia da problematização*. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1999.
- GIANNASI, M. J.; BERBEL, N. A. N. Metodologia da problematização como alternativa para o desenvolvimento do pensamento crítico em cursos de educação continuada e à distância. *Informação & Informação*, v.3, n.2, p. 19-30, jul./dez. 1998.
- GOGUELIN, P. *La formacion psicosocial em las organizaciones*. Buenos Aires: Paidós, 1970.
- LITWIN, E. Desafios, recursos e perspectivas da educação à distância. *Pátio Revista Pedagógica*, ano 3, n.9, p. 16-19, maio/jul. 1999.
- LOBO NETO, F. J. da S. *Educação à distância: regulamentação, condições de êxito e perspectivas*. Palestra proferida na Faculdade Federal Fluminense, 1998. Disponível em: < www.intelecto.net/ead_textos/lobo/htm >. Acesso em: 17 jul. 2002.
- LOYOLA, W.; PRATES, M. *Educação à distância mediada por computador (EDMC): uma proposta pedagógica para a Pós-Graduação*. P. 1-10. <<http://www.puccamp.br/~prates/edumc.html>>. Acesso em: 07 abril 1999.
- MEY, E. S. *A catalogação e descrição bibliográfica: contribuição a uma teoria*. Brasília, DF: ABDF, 1987.
- NAVES, Charles Henrique T. *Educação continuada e à distância de profissionais da Ciência da Informação no Brasil via Internet*. 1999.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://www.intelecto.net/cnead/index.html>>. Acesso em: 11 nov. 1999.

NISKIER, A. *Educação à distância: a tecnologia da esperança*. São Paulo: Loyola, 1999.

NUNES, I. B. Noções de educação a distância. *Revista de educação a distância*, Brasília, n. 4/5, p. 7-25, dez./1993-abr./1994.

PAVÃO, C. G.; PFITSCHER, E. F.; BERNARDES, J. G. Educação continuada: uma alternativa ao alcance de todos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. *Anais eletrônicos...* Fortaleza, 1998. Disponível em: <<file:///C:/Lourdes/SnbuCE/ANAIS/trabalho/sessao/educacao.htm>>. Acesso em: 01 dez.1998.

PROSDÓCIMO, Z. P. A.; OHIRA, M.L.B. Educação continuada do bibliotecário. *Revista da ACB*, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 11-128, 1999.

SANTOS, J. P. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. *Informação & Informação*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996.

TEIXEIRA, Cenivalda M. de Sousa; SCHIEL, Ulrich. A Internet e o seu impacto nos processos de recuperação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.1, p. 65-71, jan./abr. 1997.

WHITE, Herb. Fazemos, fazemos, fazemos e não sabemos porque: as práticas de catalogação clamam por uma reavaliação. *Revista da Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 257-264, jul./dez. 1993.

CATALOGUER'S CONTINUED EDUCATION: THE CASE OF THE UNIVERSITY OF THE STATE OF SANTA CATARINA

Abstract

This paper presents the results of the research made in order to verify the ways used by the catalogers of the University of libraries of the University of the State of Santa Catarina, Brazil, to continue their professional education comparing their practices with those related in the literature of the area.

Keywords: Cataloging; Professional continued education; Cataloging – University of the State of Santa Catarina (Brazil) net; Computer library cataloging – University of the State of Santa Catarina, Brazil.

Ana Maria Pereira

Professora no Departamento de Biblioteconomia e Documentação do Centro de Ciências da Educação – FAED. UDESC

E-mail: pereiraana_maria@hotmail.com

Renata Rodrigues

Acadêmica no Curso de Biblioteconomia - UDESC, bolsista do Programa de Iniciação Científica do CNPq/PIBIC.

E-mail: odara2000@bol.com.br
